

Paz: o coração do evangelho

Por: Maria Clara Lucchetti Bingemer

Há quarenta anos, mais precisamente no dia 11 de abril de 1963, um ano depois do encerramento do Concílio Vaticano II, o Papa João XXIII lançava esta encíclica sobre a paz. Trata-se de um documento que difere do esquema tradicional de outros de cunho social e que, de uma certa maneira, inaugura um novo modo do magistério da Igreja de comunicar-se sobre as questões que afetam diretamente a organização da sociedade e a política, entendida como ação sobre a cidade e a sociedade.

Apesar de Pio XII ter falado com frequência em suas mensagens radiofônicas sobre problemas políticos, desde a época de Leão XIII, à exceção de duas encíclicas de Pio XI sobre o Nazismo e o Comunismo, a Igreja não se pronunciava sobre questões políticas. Portanto, 1963 é um ano importante para um documento não menos importante. Além de situar-se no tempo imediatamente posterior ao Concílio, esta encíclica foi escrita no aniversário dos 15 anos da proclamação da Carta dos Direitos Humanos das Nações Unidas. O panorama mundial apresentava uma clara opção pela democracia, mas ao mesmo tempo crescia a tensão entre Leste e Oeste, entre o mundo capitalista e o comunista. Alguns fatos marcavam a humanidade, sobretudo do lado ocidental: a construção do muro de Berlim (1961) e a tentativa de invasão de Cuba (1962). A estratégia de dissuasão baseava-se na posse de armas e pairava no ar o perigo de uma guerra nuclear.

O documento é dirigido Oa todas as pessoas de boa vontade¹, o que obriga o Papa a servir-se de uma linguagem não tão eclesiástica como de outras vezes em que fala mais para dentro da Igreja. Baseada na razão e no direito natural, acessível a crentes e não-crentes, a *Pacem in Terris* (Paz na Terra) pretende atingir a todos sem exceção. E o tema central da encíclica não são questões socioeconômicas, mas a PAZ. Esta deve ser construída partindo do particular para o geral: 1) As mútuas relações entre as pessoas; 2) As relações dos cidadãos com a autoridade pública; 3) As relações dos Estados entre si; 4) A comunidade internacional interagindo com os indivíduos e povos. Estes níveis, por sua vez, são perpassados por quatro grandes critérios: verdade, justiça, amor (solidariedade) e liberdade.

Embora Pio XII já houvesse falado sobre Direitos Humanos em seu pontificado, não fez alusão aos direitos promulgados pela ONU. É nesta encíclica que, pela primeira vez, se faz uma alusão positiva à Declaração da ONU. João XXIII inova, no entanto, ao elaborar uma lista própria de Direitos e uma correlata lista de Deveres humanos. A última parte da P.T. é um vivo convite aos crentes a participarem da vida pública, embora esta não se identifique simplesmente com a vida política. Existe já a idéia de Osociedade civil¹ e Osociedade política¹, embora isto não esteja explícito, aparecendo na Constituição pastoral *Gaudium et Spes*.

Celebrando este aniversário, algumas reflexões parecem importantes sobre o bem mais escasso hoje no planeta terra: a paz entre as pessoas e povos. No último dia 11 de setembro, o Ocidente viveu o segundo aniversário do terror. Dois anos depois que o mundo se viu mergulhado no horror dos acontecimentos de Nova York e Washington, com as torres gêmeas do World Trade Center derrubadas, o Pentágono atacado e milhares de vítimas soterradas sob escombros da capital do "glamour", do consumo e da estética, continua sendo o Dia Internacional do Medo. No entanto, o que se seguiu àquele 11 de setembro e continua até hoje tampouco é digno de celebração. Após os terríveis estragos provocados pela violência em seu país, vimos as tropas americanas - numa ação que não devia ser mais que policial - semear a retaliação e a vingança do outro lado do mundo. O que houve apresentou abundância de efeitos colaterais indesejados.

À destruição do Afeganistão seguiu-se o ataque às supostas armas químicas do ditador Saddam Hussein. A guerra do Iraque foi declarada. E todos os dias tivemos que ver o horrendo espetáculo de pessoas desesperadas com a perda violenta e impiedosa de seus seres mais queridos. A um Iraque destruído e feito só escombros foi enviado o Alto Comissário da ONU Sérgio Vieira de Mello. Homem digno, trazendo em sua história belas passagens como a pacificação de Kosovo e do Timor Leste. Um ataque suicida o matou também, somando-o às milhares de vítimas inocentes que a guerra equivocada e sem sentido do governo Bush fez e continua desejando fazer.

Ao lado disso, a violência urbana continua fazendo milhares de vítimas nas grandes cidades de muitos países. No Brasil, mata-se um Vietnam por ano, quase 50 mil pessoas, sendo a esmagadora maioria jovens entre 15 e 24 anos do sexo masculino. Dentro deste cenário, a atualidade da *Pax in Terris* se faz sempre mais evidente. O apelo do bondoso e lúcido Papa João XXIII precisa fazer-se ressoar hoje, lembrando aos cristãos e a todas as pessoas de boa vontade que é preciso construir a paz, e que para isso é indispensável praticar a justiça e o direito. Quarenta anos depois, possamos nós ainda responder a esse desafio.